

IN FOCO

Boletim Criogênese

Ano V Edição nº 68 Março de 2018

AMAMENTAR CORTA PELA METADE RISCO DE TER DIABETES, APONTA ESTUDO
POSIÇÃO AO DORMIR PODE AFETAR A SAÚDE DO FETO • CÉLULAS-TRONCO OFERECEM ESPERANÇA PARA OS AUTISTAS



Amamentar corta pela metade risco de ter diabetes, aponta estudo

Pode acrescentar mais um benefício na lista extensa de motivos para amamentar seu filho. Uma nova pesquisa, publicada no JAMA (Journal of the American Medical Association), importante periódico norte-americano, avaliou mais de 1.200 mulheres e descobriu que o ato reduz significativamente o risco de desenvolver diabetes tipo 2 (Doença metabólica, que afeta a forma como o corpo processa a glicose no sangue).

Os pesquisadores acompanharam a idade fértil e os níveis de glicose das voluntárias desde a década de 80. Para completar o estudo, os médicos também recolheram dados sobre atividade física, alimentação e estilo de vida das participantes, que tiveram pelo menos um filho no período.

Já havia outras investigações menores sobre o assunto, mas esse é o primeiro que considerou mulheres ainda em idade fértil. Os resultados mostraram que o fator protetivo do aleitamento é inegável. Para quem amamentou por seis meses ou mais, Houve uma redução de 48% do aparecimento da diabetes tipo 2. Nas mães que ofereceram o peito por um tempo menor do que este, a incidência foi 25% menor em comparação às mulheres que não amamentaram.

Fonte: Portal Bebe.com



Uma orientação antiga de que, dormir de barriga para cima no final da gestação, pode aumentar os riscos para a saúde da criança ainda por nascer, foi confirmada por pesquisadores da Universidade de Auckland (nova Zelândia). "A posição que a mãe adota na hora de dormir afeta significativamente a frequência cardíaca fetal", defende o estudo publicado na revista científica "The Journal of Physiology".

Durante a avaliação de 29 grávidas, foi notado que dormir de barriga para cima durante o período final de gestação provoca, por causa do peso do útero, a compressão da veia cava inferior, a principal veia que transporta o sangue venoso (pobre em oxigênio e rico em dióxido de carbono) do abdômen e dos membros inferiores para o coração. Desta forma, ocorre uma diminuição do débito cardíaco, volume de sangue

bombeado pelo coração a cada minuto, bem como da perfusão útero e da placentária, fluxo de sangue entre a mãe e o feto, o que pode prejudicar a saúde de ambos.

Dormir sobre o lado esquerdo, além disso facilitará a circulação de sangue, capacidade de oxigênio do bebê no futuro e, também, no conforto da mãe, já no último trimestre podem surgir insônia.



Estudos indicam que a restauração da função cerebral pode ser alcançada pela infusão do material

O “transtorno do espectro autista” é uma denominação que deriva do ‘autismo’, quadro clínico que está associado a uma falha na regulação da maturação e capacidade de diferenciação dos neurônios. De acordo com dados da Organização das Nações Unidas (ONU), a patologia atinge 80 milhões de pessoas no mundo – 2 milhões delas no Brasil, sendo maior a incidência no sexo masculino, em uma proporção de quatro meninos para uma menina.

Em busca de um tratamento para essa condição, diversos estudos clínicos indicam que o transplante de células-tronco do sangue de cordão umbilical pode trazer melhorias dos sintomas comportamentais de indivíduos com autismo. Uma pesquisa com pacientes do Shandong Jiaotong Hospital e do Shandong Rehabilitation Therapy Center, na China, incluiu 37 crianças de 3 a 12 anos com autismo. Quando comparados ao grupo controle, os pacientes submetidos à terapia obtiveram melhora nos parâmetros medidos 24 semanas após a infusão. Foram monitorados itens como relacionamento com outras pessoas, retraimento social, consciência corporal, letargia, hiperatividade, irritabilidade, dificuldades de fala, entre outros.

Para Nelson Tatsui, Diretor-Técnico do Grupo Criogênese e Hematologista do HC-FMUSP, essa pesquisa abre portas para futuros estudos sobre o autismo. “Os protocolos de tratamentos com células-tronco estão cada vez mais frequentes, pois trata-se de células adultas e livres de impurezas, o que garante maior eficiência em seu uso terapêutico. Após a coleta, as células-tronco são avaliadas e armazenadas e podem ficar congeladas por tempo indeterminado sem que haja a perda de suas propriedades”, destaca.

Doenças tratadas com o sangue do cordão umbilical - Segundo a Fundação Parent's Guide to Cord Blood, o sangue do cordão umbilical vem apresentando importantes resultados clínicos para o tratamento de diversos tipos de patologias. “Dentre as principais estão a Leucemia, Talassemia e Linfomas. Além disso, muitas doenças encontram-se em estudo avançando, como Diabetes Tipo 1, doenças neurológicas e, até mesmo, a Aids”, finaliza Tatsui.